

CARTA ABERTA A UM CONSERVADOR LUSITANO

BURGUEZ AMIGO:

Começo por te declarar novamente que te não venho pedir que não sejas conservador: pelo contrário; peço-te que sejas conservador, mas que o sejas com inteligência.

Dizia-te há tempos o teu jornal, o *Século*, que sofres sobretudo por teres medo; que te faças porisso uma alma enérgica; que ponhas a teu soldo gente de ferro; e que busques, para nos governarem, homens «que tenham que perder».

Permite-me uns comentários aos conselhos do teu jornal.

Em primeiro lugar, concordo que sofres, com efeito, de teres medo: mas principalmente de teres medo *de tudo*: dos males — *e dos remédios*; das explosões — *e das válvulas de segurança*. Que tenhas medo das explosões — bem está; que o tenhas, também, das válvulas de segurança — eis o que é pior. E isso faz a tua miséria.

Quere o *Século* que tu escolhas para nos governarem «homens que tenham que perder», e que tomes a soldo gente tesa, que te defenda com sua tesura dos que «*não* teem que perder». Não ocorreu ao *Século* a solução seguinte: fazeres quanto possas para tornar em «homens que *teem* que perder» o maior número possível de «homens que *não* teem que perder». Dar pancada nos inimigos é uma solução um pouco tétrica, sobretudo para quem, como tu, se agonia muito com as sarrafuscas; converter os inimigos em aliados é um processo mais melífluo, bastante de aconselhar a quem se enjôa na polémica. Mas tu, por via de regra, és tão egoísta que tens horror a tal solução, ainda mais que às facas de bico...

Quando todo ginja rico
para casa a prôa inclina
por temer facas de bico,
e cuida que a cada esquina
lhe lança mão o Joanico...

O Joanico era, como sabes, um bandido célebre do século XVIII, a que alude aí o bom Tolentino. Para os ginjaos ricos da actualidade o Joanico appareceu crismado, e chama-se agora Bolxevista. A tôdas as esquinas do pensamento e da reforma so-

cial, tu (e os ginjaos ricos da tua laia) vêem o Joanico do Bolxevismo. Sossega, homem de Deus! Sê enérgico, como te diz o *Século*: mas lembra-te de que *a energia só é fecunda quando aparece aliada com o sentimento da justiça*.

Aí está o que se esqueceu de te lembrar o *Século*. Como te diz o Evangelho (lê o Evangelho quando fôres à missa, e lê-o também se lá não fôres) cumpre procurar antes de tudo o reino de Deus e a sua justiça, e tôdas as outras coisas nos serão acrescentadas. Busca tu o reino de Deus (isto é, trabalha pelo bem do próximo) e procura a sua justiça, que perderás medo às facas de bico. Rir-te hás do medo das facas de bico. Não são as coisas que nos fazem mal, mas as tétricas imaginações que nós formamos sobre as coisas.

Não te digo que te despojes de quanto tens. Nada disso. Digo-te que trabalhes pelos que não teem, facilitando por todos os modos a accessão do pobre à propriedade, *e tornando a propriedade um instrumento de educação*. Pensa nisto: que serias tu se não tivesses nada? nada a que chamasses teu, senão o salário do dia de hoje, e a miséria absoluta, se viesse uma doença no de amanhã? Sê pois milionário, se o podes ser; mas como êsses milionários americanos que não sabemos quanto teem, mas que sabemos quanto gastam em benefícios sociais.

Porque há ainda muito abuso, muito êrro, muita injustiça que emendes, sem mexer nas linhas fundamentais da presente organização social. Pois não há?

Lord Salisbury afirmou: «a pequena propriedade constitue a barreira mais eficaz contra a revolução»; e Laveleye escreveu: «é a propriedade democratizada quem há de salvar a democracia. Quando todos os chefes de família forem proprietários de um campo, de uma acção, de uma obrigação ou de um título de renda, não haverá revoluções sociais a temer... Dai ao povo uma instrução forte, completa, moral; inculcai-lhe a economia; substitui por instituições protectoras as corporações da Idade Média; favorecei a divisão da riqueza; representai por coupons mínimos os capitais produtivos para que possam chegar a todos; estendei a mão aos que querem subir, dai lugar a quem chega!»

Aí está, meu ginja rico, o que o *Século* te deveria dizer, em minha bem modesta opinião: começar por uma declaração dos *deveres sociais* do ginja rico... Como vês, são ideas conservadoras; são, ao que julgo, as ideas que te convêm ter.

Creio em resumo que o articulista do *Século* não teria perdido coisa nenhuma (nem os seus leitores) se se houvesse limitado a comentar Jesus, naquele mesmo passo que te já citei: «Procura antesde tudo o reino de Deus e a sua justiça, e todas as outras coisas te serão acrescentadas».

Afinal, repeti-te comezinhoamente coisas velhas e triviais, citando autores que é de esperar que considerarás como respeitáveis, — e dignos, portanto, da tua própria respeitabilidade.

Teu servo atento e venerador

ANTÓNIO SÉRGIO.

P. S. — Estava já na tipografia êste papel quando rebentou a revolução militar. Tu exultaste, burguês amigo! Nada mais cómodo: o sr. Filomeno da Câmara é o sr. Raul Esteves trabalhariam por ti e para ti: e tu continuarias no não-te-rales, a preferir o teu partido ao teu sindicato, a pensar sòmente na tua pessoa, na tua facção, na tua burra e no teu clube, alheio aos problemas do interesse geral, da solidariedade humana, da educação do povo (e da tua própria, que é bem necessária!) ... Não pode ser: ou te resignas a sair de ti, a cortar abusos, a governar isto *para o Bem Comum*, a amar as válvulas de segurança, ou estoiras para aí sem dei-

xares saudades — do teu egoísmo, da tua cegueira, da frivolidade do teu pensar.

No dia em que escrevemos êste *Post Scriptum* lemos a notícia de que se havia deitado ao mar uma grande quantidade de pescado. Isto significa, — ou um infamíssimo abuso, ou uma enormíssima incapacidade para organizar a vida económica nacional. E é pela confissão dessa sua incapacidade (económica e política) que devem começar em Portugal as Forças Vivas (falo na generalidade, e ressaltando, pois, as raríssimas excepções).

Não se desculpem com o Político: porque teem os políticos que merecem, e que êles próprios sabem fazer à sua imagem e semelhança. Nem aleguem os conservadores portugueses o *direitismo* inglês, alemão, etc. Os conservadores da Inglaterra e da Alemanha seriam em Portugal protestatários, como nós somos: porque existem por cá muitos abusos, muitos atrasos, muitas imoralidades, muitos êrros, que nos países dêles se não encontram; e, por outro lado, nem sonhamos com muitas reformas que por lá se implantaram há muito tempo. Aqui, pois, êles seriam «revolucionários». Revolucionários contra quê?

Contra a estupidez dos dirigentes («políticos» e não «políticos»). Porque factos como êsse do peixe demonstram sobretudo a estupidez de um povo, ou, antes, das classes dirigentes dum país.

O grande conservador britânico Disraeli disse que o dever do homem de Estado era fazer por meios pacíficos (normais, legais) o que faria pelos violentos uma revolução.

Verdadeiro pensamento de inteligente conservador, que deviam meditar todos os dias os «conservadores» de Portugal. — A. S.

